

## A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA NAS PÁGINAS DO *BOLETIM DA ESCOLA OFICINA* Nº. 1 (LISBOA, 1918)

Luiz Carlos Barreira \*

**Resumo:** Este trabalho apresenta resultados da análise de um boletim publicado em Lisboa em 1918, denominado *Boletim da Escola-Oficina Nº. 1*. A escola que nomeia este periódico foi criada em 1905 e pertencia à Sociedade Promotora de Escolas, uma instituição maçônica republicana. A presença de professores libertários – como Adolfo Lima, Emílio Costa e Deolinda Lopes Vieira (Pinto Quartim), dentre outros – no corpo docente dessa escola, dois anos após a sua abertura, resultou numa “verdadeira revolução silenciosa no campo da educação escolar”, na avaliação de António Candeias (1994), um dos principais estudiosos portugueses do assunto. Esses professores teriam sido os principais responsáveis por uma nova forma de educar, orientada por saberes e práticas de inspiração libertária. Por essas razões, o *Boletim da Escola-Oficina Nº. 1* fez-se objeto e fonte de fundamental importância para o conhecimento de algumas das práticas dessa singular instituição de ensino, apesar de ter sido editado por apenas um ano, entre janeiro e dezembro de 1918.

**Palavras-chave:** Educação libertária; Imprensa; Propaganda educativa.

**Abstract:** This paper presents results of the analysis of a bulletin published in Lisbon in 1918, named *Boletim da Escola-Oficina Nº. 1*. The school that nominates this journal was created in 1905 and belonged to the Society for Promoting Schools, a Republican Masonic institution. The presence of libertarian teachers – as Adolfo Lima, Emilio Costa and Deolinda Lopes (Pinto Quartim), among others – in the faculty of that school, two years after its opening, resulted in a "true and silent revolution in the field of school education," according to António Candeias (1994), one of the Portuguese scholars of that subject. These teachers were considered the main responsible for a new form of educating, based on the knowledge and practices of libertarian inspiration. For these reasons, the *Boletim da Escola-Oficina Nº.1* has become an object of research and a source of fundamental importance for the knowledge of some of the practices of that singular school, despite having been published for only one year, between January and December 1918.

**Key-words:** Libertarian education; Papers; Educational propaganda.

### Introdução

*Dize-nos como se deve fazer, mas dize-nos também o que fazes*<sup>1</sup>.

A Escola-Oficina Nº 1, cujo boletim é fonte e também objeto deste trabalho, foi fundada em 1905, por iniciativa da Sociedade Promotora de Escolas, uma organização

---

\* Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba – Uniso. Doutor em História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

<sup>1</sup> Tais dizeres aparecem impressos na capa do *Boletim*, entre o título e o sumário de cada número.

vinculada à maçonaria portuguesa. Instalada, inicialmente, em um “modesto segundo andar” da Rua de São João da Praça, na cidade de Lisboa, foi inaugurada com apenas quatro alunos matriculados. Entretanto, não demorou muito a crescer, se expandir e mudar de endereço. No ano de 1918, ocupava todo o espaço de um edifício situado no Largo da Graça, também na cidade de Lisboa, e mantinha uma população escolar de 160 alunos aos quais proporcionava ensino gratuito nas seguintes modalidades: maternal, integral e preparatório profissional.

Era uma escola que praticava a coeducação dos sexos. Seu plano de estudos se dividia por dez classes, que deveriam ser frequentadas por crianças entre cinco e quatorze anos de idade. A partir da oitava classe, o ensino tendia a se especializar, seguindo numa direção preparatória profissional. Para todos os efeitos legais, as certidões das sétima e décima classes que a Escola-Oficina expedia equivaliam, respectivamente, às certidões do primeiro e segundo graus da Instrução Primária Oficial. O quadro a seguir traz as aulas mantidas pela Escola-Oficina no ano de 1917.

**Quadro I – Aulas mantidas pela Escola-Oficina N.º 1 (1917)**

Aquarela	Decoração	Mecânica
Anatomia	Desenho	Mineralogia
Aritmética	Educação dos sentidos	Modelação
Artes aplicadas	Escrituração	Música
Botânica	Estofos	Noções práticas de coisas
Biologia	Física	Português
Confecção de chapéus	Fisiologia	Química
Ciclismo	Flores artificiais	Sociologia (História e Geografia)
Ciências físico-químicas	Francês	Talha
Ciências naturais	Geologia	Torno
Corte	Geometria	Trabalhos domésticos
Costura	Ginástica	Trabalhos manuais <sup>2</sup>
Culinária	Higiene	Zoologia
Datilografia	Inglês	
Dança	Marcenaria	

Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 4, p. 226, out. 1918.

<sup>2</sup> Trabalhos realizados em cartão, madeira, metal e papel.

De acordo com o *Boletim*, as aulas acima referidas eram inteiramente práticas, ministradas sem compêndios e completadas com excursões e visitas de estudo. Elas visavam a desenvolver os conhecimentos dos alunos, sua educação artística e preparo profissional.

Também não havia provas e exames na Escola-Oficina. Ao final do ano letivo, todos os trabalhos executados pelos alunos durante o ano, acompanhados de informações fornecidas por seus professores, eram expostos. Essas exposições serviam para avaliar os conhecimentos e aptidões dos alunos e lhes facultar a passagem ao grau, ou classe seguinte. Sem nenhuma exceção, esses trabalhos conservavam:

*[...] todos os seus erros, todos os seus defeitos, todas as suas perfeições, todas as suas virtudes.  
O juízo [...] era] feito por todos os professores, em face dos trabalhos expostos, tendo contudo em consideração as observações do professor da respectiva disciplina, as notas tomadas durante o ano nos diários das aulas, e ainda os diversos fatores psico-fisiológicos da criança e os morais e sociais do meio (LIMA, 1918: 138).*

Uma associação de alunos, denominada *A Solidária*, funcionava junto à Escola-Oficina e desempenhava funções importantes dentro e fora do espaço escolar. Esta associação discente dividia-se em diferentes seções e sustentava várias iniciativas, tais como: 1) almoço e lanche escolar; 2) teatro escolar; 3) dança; 4) ciclismo; 5) natação; 6) criação de animais; 7) o programa “Um mês no campo” – que, nos verões e por um mês, procurava manter os alunos da Escola fora de Lisboa.

### ***Os cursos oferecidos pela Escola-Oficina N.º 1***

Como dito anteriormente, o plano de estudos da Escola-Oficina N.º 1 previa a oferta de três modalidades de curso, divididos em dez classes e seis graus, como demonstrados no quadro a seguir.

**Quadro II – Cursos oferecidos pela Escola-Oficina N.º 1 (1917)**

CURSO	IDADE	CLASSE	GRAU
Maternal	5	-	-
	6	-	-
Geral (ou Integral)	7	I	1º
	8	II	
	9	III	
	10	IV	2º
	11	V	3º
Preparatório Profissional	12	VI	4º
	13	VII	5º
	14	VIII	6º

Fonte: *Boletim da Escola-Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 2, p. 76-77, abr. 1918.

O curso maternal destinava-se à educação da infância. Voltado para crianças com 5 e 6 anos de idade, tinha uma duração de dois anos. Pelo menos até 1917 – ano letivo a que o *Boletim* se reporta –, este curso não foi oferecido pela Escola-Oficina.

O curso geral, também denominado “integral”, compreendia cinco classes, agrupadas em três graus. O primeiro deles era o mais longo dos três e tinha uma duração de três anos. Este curso atendia crianças entre sete e onze anos de idade, preferencialmente.

No quarto grau, o ensino deixava de ser homogêneo, ramificando-se. Três modalidades de curso eram então oferecidas: o especial literário-científico, o especial de educação feminina e o curso preparatório profissional masculino e feminino. Todos eles com três anos de duração e voltados para crianças entre 12 e 14 anos de idade.

O curso especial literário-científico preparava o aluno para o ingresso no Liceu e, por essa razão, seu caráter era literário-científico, mas sem a exclusão do manual. Com esta advertência os dirigentes da Escola queriam frisar que a unidade entre trabalho intelectual e trabalho manual seria garantida, preservada. O caráter do curso seria determinado, portanto, pela predominância de um desses dois tipos de trabalho e essa predominância seria o fator diferenciador do curso.

De acordo com essa lógica, o fator diferenciador do curso especial de educação feminina seria a predominância do trabalho manual ou, de acordo com os dirigentes da Escola, de caráter “científico-manual utilitário”, sem a exclusão do caráter literário. Tanto é

que este curso preparava as alunas para admissão em duas instituições de ensino distintas: o Liceu e o Curso Clássico de Educação Feminina.

O curso preparatório profissional masculino e feminino, sem perder de vista a lógica norteadora que, em tese, garantiria a unidade entre trabalho intelectual e manual, apresentava-se, desde o seu início, dividido em duas modalidades: cursos preparatórios profissionais intelectuais e cursos preparatórios profissionais manuais. Os primeiros preparavam os alunos para admissão às Escolas Industriais (curso de Pintura, Desenho e Máquinas – de caráter “artístico-científico sem exclusão do literário”) e às Belas Artes (curso de Artes Plásticas – de caráter “artístico-científico manual sem exclusão do literário”). Os segundos, diferentemente dos primeiros, preparavam os alunos para o mercado de trabalho e observavam uma divisão sexual. Para os meninos, o curso Preparatório de Arte de Mobiliário – de caráter “técnico-manual sem exclusão do literário-científico” – formador de torneiros, marceneiros, entalhadores, decoradores, estofadores e serigueiros<sup>3</sup>. Para as meninas, o curso Preparatório de Artes Femininas – de caráter “manual sem exclusão do literário-científico” – formador de serigueiras, modistas de vestidos, modistas de chapéus, floristas e cozinheiras.

O *Boletim* não traz informações detalhadas sobre o ensino das diferentes disciplinas que compunham o currículo da Escola, mas é rico em detalhes quanto ao ensino das ciências. O ensino dessa disciplina escolar, como se verá a seguir, observava procedimentos ainda pouco comuns e acionava estratégias inovadoras para aqueles primeiros anos de experiência republicana em Portugal. O responsável por essa disciplina, na Escola-Oficina, era Antonio Lima, irmão de Adolfo Lima, que foi professor e diretor técnico da Escola logo após a sua fundação, dela se afastando para lecionar e, em seguida, dirigir a Escola Normal Primária do Benfica, na cidade de Lisboa.

### ***Como as ciências eram ensinadas na Escola-Oficina***

Para António Lima, as noções de ciências deveriam ser trabalhadas desde a escola maternal, sob a forma de noções de coisas. Reprovava o ensino da leitura na “escola da primeira infância”, por considerá-lo uma prática extemporânea, e, no seu lugar, advogava a importância da educação sensorial, ancorada em noções de coisas. Para uma criança saber o que lê, seria preciso, segundo ele, que ela conhecesse o significado das palavras, que tivesse, portanto, noções de coisas. Que tivesse, numa palavra, vivenciado a natureza. Caberia ao professor da primeira infância passear com as crianças pelas ruas, jardins, e arredores da

---

<sup>3</sup> Profissional que confecciona obras em seda.

escola. E, ainda, levá-las a passear pelas margens dos rios, a visitar docas e estações de trens, por exemplo. Esse seria o momento, segundo ele, das “noções de coisas, em face do que é real, verdadeiro”. Somente em casos especiais de curiosidade é que professor poderia mostrar à criança o fictício, o artificial. Mas que o professor não confundisse “noções” com “lições” de coisas. Estas, segundo ele, seriam ainda para mais tarde (1918: 72).

Do mais próximo ao mais distante. Do concreto ao abstrato. Eis aqui, uma importante característica do método de ensino advogado por António Lima, mas que era praticado de forma bastante peculiar na Escola-Oficina, por uma única razão: a escola ainda não havia aberto classes para o maternal. As crianças que nela ingressavam não apresentavam, portanto, a preparação desejada. Para a resolução do problema, algumas mudanças foram feitas no plano-programa da Escola para o ensino das ciências. A solução encontrada, segundo António Lima foi “dividir pelas duas primeiras classes, e por parte da terceira, o que devia ser dado e sabido desde a escola maternal”, o que teria exigido “uma alteração no modo de conduzir o ensino e até mesmo uma modificação na orientação desse ensino” (*Ibidem*).

O ensino das ciências repartia-se pelas oito classes dos três cursos que a Escola oferecia, mas se constituía em uma disciplina com hora “rigorosamente” marcada, somente a partir da III classe (*Ibidem*: 74). Um exemplo de como Antonio Lima conduzia o ensino encontra-se no segundo número do *Boletim*, publicado em abril de 1918. Trata-se do Plano-programa da III classe do 1º grau, para crianças de 9 anos de idade. Esse plano previa três aulas semanais de 50 minutos cada, em sala de aula, e seis aulas de 30 minutos cada, para atividades práticas na horta da escola. Embora os tempos de duração das aulas teóricas e práticas estivessem assim definidos, na prática a duração dessas aulas dependia, “não do relógio, mas da atenção, interesse, fadiga, desinteresse etc, manifestados pelos alunos” (*Ibidem*: 81).

Atentar para a forma como António Lima registra as informações no referido Plano é deveras importante. O texto foi organizado por aulas (130 no total), que são apresentadas de forma sequencial e, em alguns momentos, agrupadas. Para cada registro de aula, a definição quanto à principal atividade a ser nela desenvolvida, assim categorizada pelo referido professor: 1) palestras, ou narrativas: a) com experiências na aula, ou na horta; b) com trabalhos práticos; c) de recapitulação; d) com projeções; e) com gravuras; f) com quadros; g) com postais; h) com coleções do museu da Escola; 2) experiências; 3) desenhos; 4) cópia de esquemas; 5) excursões; 6) animatógrafo. Definida a principal atividade da aula, é detalhado o assunto a ser nela tratado e, conforme o caso, apresentados os materiais de ensino que lhe servirão de apoio. Desenhos, esquemas, tabelas e reproduções de trabalhos de alunos ilustram

o registro de parte significativa das 130 aulas. Notas acompanham quase todos esses registros de aulas, nas quais o autor observa, comenta e avalia aspectos de sua própria prática, seja no interior da escola, na sala de aula, seja nas excursões e visitas de estudo. Notas que possibilitam conhecer aspectos importantes do cotidiano da Escola-Oficina, relativos, principalmente, aos métodos de ensino e aos equipamentos e materiais utilizados em sala de aula, mas também ao alunado e à sociedade portuguesa de então, como demonstrados nas notas a seguir.

Em notas sobre as excursões e visitas de estudo, por exemplo, Lima afirma que essas atividades objetivavam completar o ensino em momentos próprios e como demonstração do que se ensinava na escola, na sala de aula. Não eram atividades casuais, mas planejadas e metodizadas. Para cada classe, um número mínimo de visitas e excursões era planejado. Um número, entretanto, apropriado aos ensinamentos recebidos na escola e compatível com as idades das crianças. Sobre a condução dessas visitas e excursões, ele assim ele se manifestou:

*Durante a excursão deixamos as crianças em plena liberdade, não lhes tolhemos os passos, a iniciativa de observação; não as obrigamos a seguir e a ver aquilo que não as interessa; mas aproveitamos disfarçadamente o momento para as instruir naquilo que foi o fim da excursão (1918: 101).*

Sobre os diferentes recursos didáticos utilizados em sala de aula, sobretudo nos momentos de recapitulação dos conhecimentos adquiridos, Lima discorre, em outra nota, sobre as vantagens do animatógrafo frente a outros recursos assemelhados, como postais, gravuras e quadros. Diz ele:

*A imagem, a gravura, o quadro não podem senão fornecer à criança uma noção confusa; em ninguém, por muito bem falante e claro o modo de expor, poderá tão pouco dar ideia nítida sobre uma coisa que as crianças nunca viram; pelo contrário, a simples comparação com coisas reais pode muitas vezes originar, como origina, falsas ideias, senão fantasias. Há em todos estes meios de ensino a falta de movimento, de vida, e portanto de correlação entre o meio e as coisas, entre os próprios seres, entre os fenômenos. Só o animatógrafo suprime em grande parte estas deficiências (Ibidem: 108-109).*

Além do animatógrafo, Lima recorria a outros recursos para as constantes recapitulações dos conhecimentos adquiridos, como cópias e ditados de esquemas. Mas preferia as cópias aos ditados.

Ainda sobre as recapitulações, Lima apresenta outros processos por ele utilizados em sala de aula, tendo em vista a fixação dos conhecimentos adquiridos. São processos que consistem, basicamente, na apresentação de problemas (questões), escritos no quadro negro,

que eram copiados e respondidos pelos alunos nos seus cadernos de apontamentos. Segundo ele, esse processo era bastante aceito e apreciado pela maioria dos alunos de “maior intelectualidade”, mas não pelos demais.

Em outra nota, rememorando acontecimentos singulares de sua própria prática, Lima nos informa sobre o destino de muitos dos egressos da Escola-Oficina e nos revela as razões pelas quais muitos deles abandonavam a escola antes de concluírem o curso. Segundo ele, “para... serem distribuidores de cartas de uma agência!... marçanos<sup>4</sup> de loja de modas!... distribuidores de carne!... pedreiros!... serralheiros!” (1918: 97).

Por fim, uma última nota – última porque com ela encerramos esta nossa escrita sobre o assunto, mas há várias outras além daquelas que foram aqui apresentadas. Nessa nota, António Lima expõe e comenta aspectos bastante prosaicos acerca dos hábitos de higiene da população para a qual a Escola-Oficina se encontrava voltada. Segundo Lima, os alunos recebiam com compreensão e atenção as noções e indicações sobre higiene que ele lhes passava. Mas estas eram simplesmente inutilizadas pelas famílias. Para ilustrar tal ocorrência, cita os seguintes exemplos:

*Um aluno, que, atento e com inteligência seguira as nossas indicações sobre higiene, notou uma vez que a criada e a mãe estavam fazendo qualquer coisa que era anti-higiênica, e, cheio de saber e justiça, censurou...  
“Fui posto fora da cozinha... com uma roda de estúpido”, disse-nos com tristeza.  
Outro, quase nas mesmas condições, mas esse com o pai:  
“O teu professor é parvo”, disseram-lhe; “que te ensine bem as contas, e deixe caminhar o resto” (Ibidem: 128).*

Sem desautorizar os pais e parentes que assim se comportavam, António Lima afirma: “Não desanimar... Caminhar, caminhar sempre” (Ibidem).

### ***Considerações finais***

Optamos por apresentar alguns dos principais traços do ensino de ciências na Escola-Oficina N.º 1 de Lisboa, por ter sido esse tema o que mais espaço ocupou nas edições do *Boletim*. O segundo número, o mais extenso dos quatro que foram publicados<sup>5</sup>, foi quase todo dedicado ao ensino dessa disciplina escolar, ocupando setenta, das cento e quatro páginas desse número. Além disso, António Lima, que era um dos professores anarquistas da Escola, fez circular, em outros periódicos da imprensa libertária, vários textos de sua autoria sobre o ensino de ciências. Por essa razão, esse professor pode ser considerado uma figura de

---

<sup>4</sup> Aprendiz de caixeiro.

<sup>5</sup> O número de páginas dos quatro números do *Boletim* são, respectivamente, 50, 104, 32 e 36.

referência no campo da educação anarquista daqueles tempos, no que diz respeito ao ensino da referida disciplina.

Embora tenhamos adotado o critério da presença para escolhermos a prática de ensino de ciências, cujos principais traços foram aqui apresentados, não nos escaparam outras práticas escolares que também foram contempladas no *Boletim*, porém não com a mesma ênfase dada ao ensino daquela disciplina. Dentre estas práticas, destacamos as seguintes: o teatro escolar (conjunto de atividades que iam desde a escolha da peça – que às vezes, por exemplo, eram traduzidas do francês pelos próprios alunos da Escola, com o auxílio, evidentemente, do professor dessa língua – até a sua apresentação, passando pelas atividades de confecção dos cenários e dos figurinos, por exemplo), a educação musical (uso de partituras), a biblioteca dos alunos (obras mais requisitadas), o ensino da modelação e o ensino de sociologia.

Também não nos escaparam outras práticas que, por alguma razão, foram esquecidas, ou preteridas no *Boletim*. Não há, aqui, como deixar de fazer menção a algumas delas, posto elas serem consideradas fundamentais por aqueles que afirmavam primar pela educação integral. A educação física é indiscutivelmente uma delas. Exceção feita a uma, ou outra menção às aulas de natação, promovidas pela associação discente *A Solidária*, e a uma foto que registrou a visita do primeiro presidente da República portuguesa à Escola, na qual este aparece sentado em uma confortável cadeira, rodeado por alunos e professores, a assistir a uma demonstração de exercícios ginásticos realizados por alguns alunos, nenhum outro registro foi feito, no *Boletim*, sobre essa prática escolar. Outra ausência, digna de nota, diz respeito às práticas de alfabetização e ao ensino da língua portuguesa. Com exceção de alguns pequenos indícios presentes nos registros de António Lima sobre suas aulas de ciências, nenhuma palavra sobre o assunto é fornecida ao leitor do *Boletim*. Outras ausências, além destas, foram percebidas por nós, mas este é um assunto fica para outra oportunidade. Elas deverão integrar o relatório final do projeto de pesquisa que deu origem aos estudos e investigações que vimos realizando nos últimos quatro anos (Cf. BARREIRA, 2008).

## Referências

BARREIRA, Luiz Carlos. *Imprensa periódica e circulação de modelos sócio-pedagógicos: experiências de educação libertária em Portugal no limiar do regime republicano (1911-1919)*. Projeto de Pesquisa. São Paulo: FAPESP, 2008.

CANDEIAS, António. *Educar de outra forma: a Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

LIMA, Antonio. Como ensinamos as ciências. *Boletim da Escola Oficina N.º 1*, Lisboa, vol. 1, n. 2, p. 69-138, abr. 1918.